

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CAMPUS ERECHIM**  
**CURSO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS DA**  
**NATUREZA**

**CLARISSE SIMONE TELES**

**CIRANDA INFANTIL NO MST:**  
**CONCEPÇÕES E DEBATES NAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS**

**ERECHIM**

**2022**

**CLARISSE SIMONE TELES**

**CIRANDA INFANTIL NO MST:  
CONCEPÇÕES E DEBATES NAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ma. Sylvania Regina Pellenz Irgang

**ERECHIM**

**2022**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Teles, Clarisse Simone  
CIRANDA INFANTIL NO MST:: Conceções e debates nas  
produções científicas / Clarisse Simone Teles. -- 2022.  
57 f.

Orientadora: Mestre Silvânia Regina Pellenz Irgang

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em Interdisciplinar em Educação do Campo:  
Ciências da Natureza, , 2022.

1. CIRANDA INFANTIL NO MST. I. Irgang, Silvânia  
Regina Pellenz, orient. II. Universidade Federal da  
Fronteira Sul. III. Título.

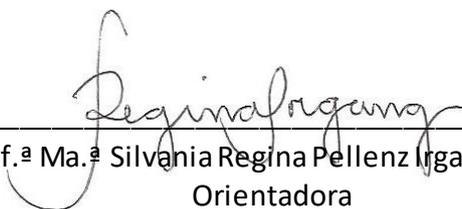
**CLARISSE SIMONE TELES**

**CIRANDA INFANTIL NO MST: CONCEPÇÕES E DEBATES NAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada no Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: ciências da natureza da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

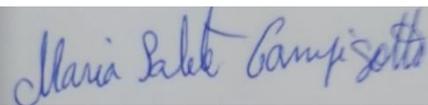
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia 08/04/2022.

**BANCA EXAMINADORA:**



---

Prof.ª Ma.ª Silvana Regina Pellenz Irgang – UFFS  
Orientadora



---

Prof.ª Esp.ª Maria Salete Campigotto - Instituto Educar  
Avaliadora



---

Prof.ª Dr.ª Solange Todero Von Oncay – UFFS  
Avaliadora

Dedico este trabalho a minha filha Anahí, a flor mais bela do meu jardim, a qual me forçou a fazer pausar no percurso acadêmico, não por causa dela, mas por ela. E ao mesmo tempo, é ela que me faz seguir caminhando. Obrigado, filha!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a classe trabalhadora camponesa, através desta e das lutas travas pelos Movimentos sociais da Via Campesina, por uma universidade Pública e de Qualidade que tive a oportunidade de acessar esse curso e assim me tornar a primeira Mulher Graduada na família materna.

Em segundo momento agradeço a minha avó materna dona Tereza Rodrigues Teles, ela quem sempre acreditou em mim, às vezes até mais que eu mesma, sei que está em êxtase com essa conquista a qual ela contribuiu muita para que acontecesse. Em nome dela agradeço a meu avô materno seu João Teles o “ seu João Grande”, é dele também que vem a minha persistência em seguir caminhando por meus objetivos.

Foram eles os pioneiros da família a se juntar na luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, pela Reforma Agrária e uma vida digna através da conquista da Terra.

Agradeço ao companheiro, amigo e pai de minha filha que apesar dos desafios colocados pela jornada da vida se manteve me apoiando e nessa reta final contribuiu significativamente para que eu pudesse focar nas demandas da universidade.

Não posso deixar de agradecer a minha filha que, por muitas vezes, foi a razão de eu continuar, é por ela.

Agradeço a todos os amigos e amigas que contribuíram de alguma maneira para que eu pudesse chegar onde cheguei, em especial a minha amiga, companheira e vizinha Josene Aparecida dos Santos, que muito me ajudou, compartilhando conhecimento, assim como o colo para descansar.

Agradeço a todos os professores, colegas, servidores do curso Interdisciplinar em Educação do Campo- Ciências da Natureza, bem como todos os servidores/as e professores/as Campus UFFS- Erechim. Em nome destes, agradeço de coração toda dedicação, paciência, incentivo e força que minha orientadora Sylvania Regina Pellenz Irgang, grata sou por partilhar momentos de construção e partilha de conhecimentos.

E por último, mas não menos importante, agradeço ao MST pelo seu compromisso com um projeto de sociedade política-social-economicamente justa e igualitária e pelo seu compromisso com uma educação emancipadora.

“Há momentos na história, em que todas as vitórias, parecem fugir da gente. Mas vence quem não desanima e busca em sua autoestima a força pra ser persistente. O tempo passa lento, mas também passa com ele a glória do imperador. Quem tem as mãos de construir terá de levantar-se e decidir o dia de enterrar a dor. E erguer-se de todos os lugares para dizer que é hora de colher tudo que se plantou. Gente é como água do mar: mesmo se movendo de vagar, mostra no seu balançar que nunca se dobrou. Regamos o deserto da consciência e um novo ser nasceu. É hora de ir em frente companheira, você é a guerrilheira que a história nos deu. Regamos o deserto da consciência e um novo ser nasceu. É hora de ir em frente companheiro, você é o guerrilheiro que a história nos deu.” (Ademar Bogo)

## RESUMO

O presente trabalho, que tem como tema “Ciranda Infantil do MST: concepções e debates nas produções científicas”, consiste na realização de uma reflexão e análise sobre as produções científicas publicadas no repositório do IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, nos anos de 2000 a 2020, a fim de identificar os temas e as discussões sobre a Ciranda Infantil do MST. Para isso, desenvolvemos por meio do Estado do Conhecimento uma pesquisa bibliográfica e documental na qual foi possível conhecer quais foram os temas de reflexões e debates das produções científicas presentes no repositório do IBICT a respeito da Ciranda Infantil do MST. O trabalho caracterizou-se por ser uma pesquisa qualitativa, exploratório-descritiva que culminou em uma análise de conteúdo, acerca das produções científicas sobre as Cirandas Infantis do MST. O Estado do Conhecimento permitiu que a pesquisa apontasse aspectos significativos do tema, provocando reflexões e divulgando a produção já existente e outros olhares possíveis a fim de contribuir com o tema na pesquisa em Educação. Foram encontrados oito produções científicas no repositório IBICT que a partir da análise organizaram-se em três categorias: a) A proposta pedagógica para a infância no MST, embasado nas concepções de três trabalhos, dos/as autores/as Barcellos (2020), Bihain (2001) e Méliga (2014); b) Identidade da Criança Sem Terrinha no MST, a partir das contribuições de Luedke (2013), Rossetto (2016) e Rossetto (2009); e, c) Limites e possibilidades da Ciranda Infantil no Movimento, com discussões a partir de Freitas (2015) e Ramos (2016). Com essa pesquisa foi possível concluir que é no movimento do Movimento que emancipamos nossa consciência de luta pelos nossos direitos, nossa consciência de classe, de classe trabalhadora camponesa. Ressalto, também, a importância das pesquisas científicas para a produção e sistematização de conhecimento, bem como as contribuições das reflexões sobre as Cirandas Infantis no MST em que apresentam a criança como sujeitos que protagonizam a luta pelos seus direitos e se identificam como pertencentes a uma identidade, a um Movimento social. Além disso, foi importante conhecer experiências, as reflexões e as provocações pautadas pela escrita dos autores e das autoras.

Palavras-chave: Ciranda Infantil do MST. Pedagogia do MST. Educação Infantil do MST. Educação do MST.

## ABSTRACT

The present work, which has as its theme "MST Children's Ciranda: conceptions and debates in scientific productions", consists in carrying out a reflection and analysis on the scientific productions published in the repository of IBICT - Brazilian Institute of Information in Science and Technology, in the years from 2000 to 2020, in order to identify the themes and discussions about the MST Children's Ciranda. For this, we developed, through the State of Knowledge, a bibliographical and documentary research in which it was possible to know what were the themes of reflections and debates of the scientific productions present in the IBICT repository regarding the Children's Ciranda of the MST. The work was characterized by being a qualitative, exploratory-descriptive research that culminated in a content analysis about the scientific productions on the MST Children's Cirandas. The State of Knowledge allowed the research to point out significant aspects of the theme, provoking reflections and disseminating the existing production and other possible perspectives in order to contribute to the theme in research in Education. Eight scientific productions were found in the IBICT repository, which from the analysis were organized into three categories: a) The pedagogical proposal for childhood in the MST, based on the conceptions of three works, by the authors Barcellos (2020), Bihain (2001) and Méliga (2014); b) Identity of the Landless Child in the MST, based on contributions from Luedke (2013), Rossetto (2016) and Rossetto (2009); and, c) Limits and possibilities of Ciranda Infantil no Movimento, with discussions from Freitas (2015) and Ramos (2016). With this research it was possible to conclude that it is in the movement of the Movement that we emancipate our consciousness of struggle for our rights, our class consciousness, of the peasant working class. I also emphasize the importance of scientific research for the production and systematization of knowledge, as well as the contributions of reflections on the Children's Cirandas in the MST in which children are presented as protagonists in the struggle for their rights and identify themselves as belonging to a identity, to a social movement. In addition, it was important to know experiences, reflections and provocations guided by the writing of the authors.

Keywords: MST Children's Ciranda. MST Pedagogy. MST Early Childhood Education. MST Education.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>DEBATE TEÓRICO .....</b>	<b>18</b>
2.1	A LUTA PELA TERRA E A EDUCAÇÃO NO MST .....	18
2.2	A PEDAGOGIA DO MST: PRINCÍPIOS E MATRIZES FORMADORAS ...	20
<b>2.2.1</b>	<b>Princípios Filosóficos .....</b>	<b>23</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Princípios Pedagógicos .....</b>	<b>23</b>
2.3	O CUIDADO COM A INFÂNCIA E A CIRANDA INFANTIL NO MST .....	24
<b>2.3.1</b>	<b>Ciranda no MST: Infâncias no Movimento .....</b>	<b>26</b>
<b>2.3.2</b>	<b>De Creche à Ciranda Infantil – Um olhar para as diversas dimensões do ser Sem Terrinha.....</b>	<b>28</b>
<b>3</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>30</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>35</b>
4.1	A PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A INFÂNCIA NO MST .....	35
4.2	IDENTIDADE SEM TERRINHA DAS CRIANÇAS NO MST .....	40
4.3	LIMITES E POSSIBILIDADES DAS CIRANDAS NO MOVIMENTO.....	44
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>50</b>
<b>7</b>	<b>APÊNDICE A – CATEGORIZAÇÃO DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA ....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A educação tem grande contribuição na transformação social é por meio dela que construímos processos de emancipação do ser humano. Nesse sentido, é fundamental o acesso democrático para todos e todas.

No entanto, esse setor, no âmbito nacional, junto a uma crise política e um grande descaso por parte do atual (des) governo federal, bem como a crise sanitária que se produziu e se intensificou nos últimos anos, principalmente com a pandemia, agravam a crise estrutural do capital. Tudo isso amplia a visibilidade às desigualdades sociais para todas as áreas, em especial para a área da educação.

A partir desta percepção, visualizando os desafios apresentados na questão da educação, é necessário olharmos para nós seres humanos. Um olhar sensível às questões que se referem aos processos de formação humana e à relação pedagógica no cultivo de valores e o desenvolvimento pleno e cultural do ser humano, visando a humanização.

O educador passa cada vez mais a se preocupar, a se angustiar com questões como o destino enquanto seres humanos, enquanto sociedade. Questiona qual projeto de país está ajudando a construir, refletindo assim, sobre o sentido de sua prática educacional.

Compreendendo a relevância dessa questão, é evidente a necessidade de construirmos novas formas de ensinar e buscar uma educação mais voltada ao desenvolvimento do ser humano como um ser que tem valores, saberes e é reflexo do processo histórico e cultural em que vive e está inserido. Em vista disso, o presente trabalho parte desse olhar reflexivo da realidade enfrentada pela educação, em especial naquilo que me constitui no campo das lutas e das transformações possíveis.

Dentro dos espaços organizativos do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) a criança é vista com um ser que representa o futuro, em especial o futuro do Movimento<sup>1</sup>, futuras lideranças. Representa esperança, necessitam de cuidado, respeito e educação de qualidade. São tratados como sujeitos ativos, participativos das lutas, das conquistas e de todos os processos do Movimento.

A infância no assentamento está intimamente ligada ao projeto de educação e de transformação social que o Movimento acredita. As famílias vivem a luta e seus

---

<sup>1</sup> Quando se escreve Movimento com a letra *maiúscula*, refere-se especificamente ao MST.

filhos e filhas também. Assim, pensar e organizar espaços que respeitam a criança e ao mesmo tempo educam filhos/as de assentados e acampados, é o que a Ciranda Infantil se propõe, unindo vidas, juntando a experiência de estarem na luta, na relação com a escola, na família e nas relações coletivas.

Ao considerar a relevância que a Ciranda Infantil representa dentro do Movimento, na busca de potencializá-la, é importante conhecermos as produções científicas desenvolvidas sobre esse tema. Neste sentido, o presente trabalho visou refletir sobre o tema de pesquisa: Ciranda Infantil do MST: Concepções e debates nas produções científicas. Para isso, o trabalho teve como objetivo geral: Identificar os temas de discussões e reflexões sobre Ciranda Infantil do MST a partir das produções científicas no repositório do IBICT, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia <sup>2</sup>. Buscamos a partir disso investigar a problemática: Quais são os temas de reflexões e debates das produções científicas presentes no repositório do IBICT, a respeito da Ciranda Infantil do MST?

Esse tema de pesquisa justifica-se por motivações pessoais, acadêmicas e sociais das quais apresento nesse momento.

Nasci dentro de um acampamento do MST, posso dizer que sou literalmente filha da luta, a identidade Sem Terra corre em minhas veias desde o primeiro suspiro. Minha infância foi dentro de um assentamento, vivenciei as conquistas, os desafios e as angústias da luta pela terra desde pequena. Dentro de casa apreciava o brilho no olhar em cada fala de meus avós a contar sobre suas vivências no processo de luta pela terra que percorreram juntos ao MST. Falavam sobre o desafio da lona preta, o cheiro da fumaça, as cantorias, as noites de vigília, as tantas histórias que conheciam nas prosas com outros sujeitos que dividiam essa jornada. Escutei também sobre tempos sombrios de tirania da polícia sobre os integrantes do Movimento quando em suas ações de ocupações de terra, reivindicavam o direito de ter um espaço para morar e construir seu auto sustento.

Cresci sobre essa realidade, a realidade de pessoas que a partir da luta organizada e coletiva conquistaram não somente o direito a um pedaço de chão, mas

---

<sup>2</sup> IBICT- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Um dos serviços pioneiros do IBICT é o Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CCN) criado em 1954- que consiste em um catálogo único de consulta que reúne as informações sobre os acervos de periódicos nacionais e internacionais presentes nas bibliotecas brasileiras. Disponível em: <https://cicib.ibict.br/index.php/manuais> Acesso em: 6 de março de 2022

definitivamente conquistaram sua dignidade. Presenciei, diariamente, a luta vivida pela minha avó materna, como figura feminina, na qual arcava com as sobrecargas de gestar os afazeres domésticos, bem como tudo que envolvia as nossas necessidades quanto crianças.

Quando completei 18 anos resolvemos, junto a um grupo de jovens, construir um acampamento do MST junto a coordenação do Movimento. Somente ali, vivenciei a minha primeira Escola de vida. Trago Escola com o sentido de um espaço que te forma como sujeito, como alguém que pertence a uma realidade, que para além disso é capaz de transformá-la. Foi nesse processo de acampamento que me vi como sujeito com consciência de classe, a partir das vivências ali proporcionadas. Consegui olhar para o lado e entender o que acontecia ao meu redor. Nesse período, também compreendi de onde vinha o brilho no olhar de meus avós, ali nasceu minha Identidade Sem Terra.

Foram muitas as experiências que, ao me inserir na militância, na linha de frente desse movimento de massas, me proporcionaram. Ressalto o sentido e significado do ser educador, aquele que compreende a partir de espaços de estudos e práticas organizativas onde educar é diferente de ensinar, que para educar é preciso ir além de transferir o conhecimento, como nos diz Paulo Freire.

Participar do setor de educação do MST me fez visualizar na prática a importância e o papel que a infância tem dentro dos espaços de conquista coletiva. É no ser Sem Terrinha que é investida toda a esperança de mudanças a partir da construção de consciência de classe, respeitando os cuidados que o ser criança necessita. Junto a isso, a importância da Ciranda, espaço necessário para a criança e para os pais. Falar sobre Ciranda é, por sua vez, falar sobre luta por território. É na Ciranda que a criança cria a identidade de sujeito pertencente aquele território, como sujeito ativo e capaz de transformar aquela realidade.

Ao vivenciar esses processos de práticas no setor de educação, especificamente nos espaços de Ciranda do Movimento, presenciei os avanços e as limitações que estes apresentam.

Desde a participação e contribuição nos Encontros Regionais, Estaduais e Nacionais do MST, a contribuição da Coordenação da Ciranda do IEJC- Instituto Josué de Castro, centro de formação do movimento, foram experiências que reafirmaram a necessidade que essa prática educativa desempenha, tanto para o

bem-estar das crianças quanto para os pais que, na maioria das vezes, são as mães que ficam encarregadas da tarefa de cuidado das crianças.

Muitas são as indagações e motivações que ao aprofundar o debate sobre a Ciranda, justificam uma pesquisa que venha a contribuir, potencializar essas práticas. Acredito ser relevante estudar o tema proposto por apresentar uma extrema importância em ser aprofundado, em que as práticas da Ciranda buscam desenvolver uma metodologia condizente com a cultura e os princípios do Movimento. Olhar para a Ciranda e seus movimentos pode auxiliar aqueles/as que desejam coordenar uma Ciranda nos espaços organizativos de assentamentos.

Nesta perspectiva, no presente trabalho, realizou-se uma pesquisa qualitativa a partir de uma abordagem exploratório-descritiva iniciada por meio de uma pesquisa bibliográfica, denominada Estado do Conhecimento nas produções científicas presentes no repositório do IBICT a respeito da Ciranda Infantil do MST entre os anos de 2000 a 2020. Para essa pesquisa utilizamos as palavras-chave: “Ciranda Infantil do MST”. Encontramos 8 trabalhos que dialogam sobre o tema de pesquisa. Optamos pelo IBICT, como fonte de pesquisa, por este ser um repositório que abrange as universidades de todo o Brasil.

A partir do levantamento das informações contidas nos documentos estudados e apresentadas em um quadro, formaram-se 3 (três) categorias de análise sobre os assuntos mais abordados nas pesquisas. No entanto, de maneira geral, todos os trabalhos apontam questões sobre as categorias delimitadas para análise, porém algumas apresentavam mais enfoque para determinado assunto.

Observando isso, construímos o primeiro capítulo como Introdução e justificativa pelo tema abordado. No segundo capítulo, abordamos o referencial teórico baseado em entendimentos políticos, históricos e sociais sobre “A luta pela terra e a educação no MST”; “A Pedagogia do MST: princípios e matrizes formadoras”; e “O cuidado com a infância e a Ciranda Infantil no MST”. O terceiro capítulo versa sobre o percurso metodológico da pesquisa e logo em seguida, apresentamos o quarto capítulo com a análise e discussão dos dados. Neste capítulo de análise apontamos as seguintes categorias: a) A proposta pedagógica para a infância no MST, embasado nas concepções de três trabalhos, dos/as autores/as Barcellos (2020), Bihain (2001) e Méliga (2014); b) Identidade da Criança Sem Terrinha no MST, a partir das contribuições de Luedke (2013), Rossetto (2016) e Rossetto (2009); e, c) Limites e

possibilidades da Ciranda Infantil no Movimento, com discussões a partir de Freitas (2015) e Ramos (2016).

Finalizamos a escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso apresentando as Considerações Finais debatendo de forma crítica e reflexiva elementos que ressaltam a relevância dessa pesquisa para compreendermos a importância das Cirandas Infantis do MST, bem como visualizamos, a partir deste, quão fundamental é produção de publicações científicas acerca deste tema e que a mesma deve ser cada vez mais incentivada.

## 2 DEBATE TEÓRICO

Para elucidar e promover uma reflexão crítica sobre a história do MST e a constituição das Cirandas Infantis no Movimento, segue algumas considerações teóricas para fomentar a discussão. Além disso, esse resgate histórico faz com que possamos olhar para o passado, repensar no presente e planejar o futuro. As Cirandas Infantis no MST ainda têm muito a contribuir com as crianças e as infâncias nos assentamentos, com a identidade dos Sem Terrinhas.

### 2.1 A LUTA PELA TERRA E A EDUCAÇÃO NO MST

A classe trabalhadora historicamente vem traçando batalhas na luta pela terra, pelo direito a um pedaço de chão para morar e produzir seu alimento. O MST faz parte deste processo de luta pela terra, herdeiro de outros movimentos camponeses que protagonizaram essa luta, como os Quilombos, Canudos, o Contestado e as Ligas Camponesas (MORISSAWA, 2001).

O Movimento se beneficia desse legado deixado por essas lutas. Segundo Morissawa (2001), é possível dizer que na luta pela Reforma Agrária, o MST é a continuidade das Ligas Camponesas, pois se constitui como organização independente em meio as lutas travadas no campo brasileiro. O mesmo nos diz que “O MST foi buscar a ponta do novelo que ficou perdida desde o aniquilamento das Ligas Camponesas pelos militares em 1964” (MORISSAWA, 2001, p. 120).

Neste sentido o MST é constituído quanto Movimento de caráter nacional em 1984, porém sua gestação se deu ainda antes de sua criação em meio as contradições e lutas no campo. A burguesia buscava implantar a Revolução Verde que vinha com a forte inserção da modernização conservadora da agricultura voltada a fortalecer a lógica do capital, referenciada no mercado externo, como incentivo a mecanização e monocultura junto ao pacote tecnológico que vinha com a Revolução Verde. Com isso, as organizações camponesas são massacradas (MST, 2013).

Neste contexto político e histórico nasce e se consolida o MST tendo como principal bandeira de luta a democratização da terra. Um programa de Reforma Agrária que vai em contraponto a Reforma Agrária Clássica defendida no governo da época (MST, 2013).

Em seus primeiros anos de luta, o Movimento tinha como prioridade a conquista da terra. Porém, com o passar do tempo percebeu-se que isso não era suficiente, pois se a terra representava a possibilidade de trabalho, produção de alimento e vida digna, faltava-lhes um instrumento que possibilitasse a continuidade da luta. “A continuidade da luta exigia conhecimentos tanto para lidar com assuntos práticos, como financiamentos bancários e aplicações de tecnologias, quanto para compreender a conjuntura política econômica e social” (MORISSAWA, 2001, p. 239). Se pensava, então, sobre a finalidade da escola, o que se queria com essa escola o que é necessário para atingir esse objetivo.

Com isso a luta pela terra e a luta por uma educação de qualidade e emancipatória caminham lado a lado. Inicialmente a preocupação era com o futuro das crianças acampadas; em seguida a conquista da escola legal; e posteriormente “o tipo de ensino a desenvolver nessa escola, que tinha de ser necessariamente diferente em vista das circunstâncias e do tipo de alunos (MORISSAWA, 2001, p. 240). Partindo desta necessidade surge o Setor de Educação do MST em 1987, no 1º Encontro Nacional de Educação em São Mateus, Espírito Santo.

Quanto ao conceito de educação do MST, ao longo de sua trajetória foi se construindo essa concepção, buscando recuperar algumas matrizes pedagógicas desvalorizadas pela sociedade capitalista, “Educação não é sinônimo de escola. Ela é bem mais ampla porque diz respeito a complexidade do processo de formação humana, que tem nas práticas sociais o principal ambiente dos aprendizados de ser humano” (CADERNO DE EDUCAÇÃO, nº13, p. 233).

Neste sentido, a educação no Movimento considera os processos de formação humana que acontecem na coletividade, nos momentos de luta, esse processo passa a ser a principal matriz para se planejar uma educação voltada ao desenvolvimento do ser humano. Busca-se, portanto, refletir, sobre o conjunto de práticas que os sujeitos do MST vivem em seu dia a dia e extrair delas lições de pedagogia, esse processo é chamado de Pedagogia do Movimento (CADERNO DE EDUCAÇÃO, nº 13, 233).

A partir desse breve histórico sobre o percurso que o Movimento construiu até chegar ao debate da educação que queremos para nossos filhos e filhas, outras reflexões foram possíveis, dentre elas a compreensão sobre a Pedagogia do Movimento.

## 2.2 A PEDAGOGIA DO MST: PRINCÍPIOS E MATRIZES FORMADORAS

Neste processo de luta por educação e até pela conceituação de educação no MST é necessário, primeiramente, compreendermos que ele é um sujeito pedagógico. Ele educa para além do próprio Movimento, pois em sua estrutura organizativa trabalha os mais diversos pilares da formação humana. Ou seja, no processo de luta, no trabalho vai formando novos sujeitos com uma nova visão de mundo, uma nova concepção “uma coletividade em movimento que é educativa e que atua intencionalmente no processo de formação das pessoas que a constituem (CALDART, 2004, p. 315) ”.

A sociedade usa o termo Pedagogia do Movimento para denominar o trabalho educativo do MST, e de uma certa maneira é isso. No entanto, isso não é a totalidade que exige a compreensão do que é a Pedagogia do Movimento. Para além disso é necessário refletirmos sobre a compreensão de que as nossas práticas educativas enquanto MST, até mesmo na sua gestação antecedem a Pedagogia do Movimento. Caldart (2004) nos diz que o MST não poderia ter uma pedagogia logo que nascesse, pois a pedagogia do Movimento é *práxis*<sup>3</sup>, ou seja, sem um acúmulo de práticas não há como ter uma pedagogia, tão pouco sem uma reflexão desta prática teremos pedagogia, teremos prática mas não pedagogia.

É através de seus objetivos, princípios, valores e jeito de ser que o Movimento “intencionaliza” suas práticas educativas, ao mesmo tempo que, aos poucos, também começa a refletir sobre elas, à medida que se dá conta de sua tarefa histórica: além de produzir alimento em terras antes aprisionadas pelo latifúndio, também deve ajudar a produzir seres humanos ou, pelo menos, ajudar a resgatar a humanidade em que já a imaginava quase perdida (CALDART, 2004, p. 316)

Ao mesmo tempo, o MST não inventou uma nova pedagogia, mas sim um novo jeito de trabalhar com as matrizes pedagógicas ou com as pedagogias produzidas ao longo da história da humanidade, colocando essas pedagogias em movimento.

O MST tem uma pedagogia. A pedagogia do MST é o sujeito através do qual o Movimento historicamente vem formando o sujeito social de nome Sem Terra, e que no dia a dia educa pessoas que dele fazem parte. E o princípio

---

<sup>3</sup> Para Marx (2011) conhecimento só é válido se ele parte de uma realidade concreta, material algo que pode ser palpável, onde a teoria só é válida se parte de uma realidade concreta e praticada por sua vez deve influenciar, a prática constantemente reelaborada e reorientada através da teoria, reflexão crítica.

educativo principal desta pedagogia é o *movimento* (CADERNO DE EDUCAÇÃO, nº 9, p. 05).

A inspiração para o nome pedagogia do Movimento está na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire que compreendendo o que era a pedagogia do oprimido na sistematização de Paulo Freire, busca construir a intencionalidade educativa formada pelas relações sobre as práticas feitas pelos próprios sujeitos dessas práticas considerando os elementos culturais presentes nas relações humanas (CALDART, 2004, p.86-87).

Neste sentido a pedagogia do Movimento não é uma pedagogia para ser seguida é uma pedagogia para ser construída.

Ao mencionar a pedagogia, falamos também de uma compreensão sobre a matriz formativa que foi construída pelo trabalho educativo do MST. A partir de reflexões e lutas, orientam e embasam o trabalho de educação no Movimento, em diálogo com outras práticas, pois além de uma síntese é algo que nos faz pensar sobre o que estamos fazendo em nossas práticas.

A pedagogia do Movimento nos inspira a entender o que são as práticas educativas, como são e como podem ser, sendo essa sua principal potencialidade, segundo Caldart (2004),

É possível, então, que seja essa complexidade de sentido que nos leve a diferenciação também sobre como olhar para o Movimento. Aqui a escola foi olhar para o movimento do Movimento, ou seja, o MST como processo de sua constituição como ação, como coletividade, como identidade, no movimento ou na relação entre as diversas características que foi produzindo em sua história, e que se refletem em cada vivência cotidiana dos sem-terra. Nesse olhar, é possível enxergar que o princípio educativo por excelência está no movimento mesmo, no transformar-se transformando a terra, as pessoas, a história, a própria pedagogia, sendo está a raiz e o formato fundamental de sua identidade pedagógica (CALDART, 2004, p. 328).

Assim, a chave de análise está no próprio movimento do Movimento que nos possibilita olhar para o que estamos fazendo e como podemos melhorar o que estamos fazendo. Isso aponta que, a coletividade em movimento é a matriz pedagógica que está presente nas ações e vivências educativas do MST. E, ainda, no sentido de compreender o que o sujeito Sem Terra, entendendo Sem Terra como nome próprio, como identidade que dialoga com uma identidade de classe, nos

encontramos com o MST como sujeito pedagógico, como já citado anteriormente, que forma as pessoas.

No intuito de apontar quais os processos pedagógicos que aparecem nessas vivências socioculturais, os sujeitos que, organicamente, participam do Movimento, compreendem que fazem a diferença no seu jeito de ver o mundo. Para Caldart (2004)

Há alguns processos pedagógicos básicos que aparecem de maneira mais constante e insistente na trajetória histórica e nas diversas vivências socioculturais que antes foram analisadas como constituidoras da experiência humana de ser um sem-terra do MST. Em palavra-chave: *luta, organização, coletividade, terra, trabalho e produção, cultura e história* (CALDART, 2004, p. 329).

As vivências, portanto, são próprias de quem está no Movimento, mas os processos básicos são próprios da formação humana. Partindo desta compreensão chegamos ao debate das Matrizes Pedagógicas do Movimento, compreendendo também que a formação do ser humano passa por essas matrizes, como menciona Caldart (2004),

[...] a Pedagogia do Movimento *põe em movimento a própria pedagogia*, mobilizando e incorporando, em sua dinâmica (organicidade), diversas e combinadas matrizes pedagógicas, muitas delas já um tanto obscurecidas em um passado não cultivado. Tal como na lavração que seus sujeitos fazem da terra, o MST resolve, misturar e transformar diferentes componentes educativos, produzindo uma síntese pedagógica que não é original, mas também não é igual a nenhuma pedagogia já proposta, se tomada em si mesma, exatamente porque sua referência de sentido está no Movimento (CALDART, 2004, p. 330)

Neste sentido, cito a seguir, de acordo com Caldart (2004), as principais matrizes pedagógicas que compõem o MST, no sentido de processos educativos básicos:

- a) **Primeira:** Pedagogia da Luta Social;
- b) **Segunda:** Pedagogia da organização coletiva;
- c) **Terceira:** Pedagogia da terra;
- d) **Quarta:** Pedagogia da cultura;
- e) **Quinta:** Pedagogia da história.

Quanto aos princípios que balizam as ações acerca da educação no MST, podemos dizer que esses são os pontos de partida para as ações educativas do Movimento. No entanto, não surgiram antes das práticas, são uma forma de resultado de análise das práticas já realizadas, das experiências adquiridas. Também se apresentam como uma forma de melhorar as práticas, pois quanto mais refletirmos e mais avançarmos na formulação dos princípios mais avançaremos na coerência de nossas práticas (CADERNO DE EDUCAÇÃO, nº 8).

Com base no Caderno de Educação, nº8, cito os princípios da educação no MST, tratando de Princípios Filosóficos e Princípios Pedagógicos. Segundo o documento, eles são intimamente ligados, porém a distinção é para entendermos as questões específicas que envolvem o trabalho com a educação.

### **2.2.1 Princípios Filosóficos**

Dizem respeito a nossa visão de mundo, nossas concepções mais gerais em relação a pessoa humana, à sociedade e ao que entendemos que seja educação. Remetem aos objetivos mais estratégicos do trabalho educativo no MST. São eles:

- a) Educação para a transformação social;
- b) Educação para o trabalho e a cooperação;
- c) Educação voltada para as várias dimensões da pessoa humana;
- d) Educação com/ para valores humanistas e socialistas;
- e) Educação como um processo permanente de formação transformação humana

### **2.2.2 Princípios Pedagógicos**

Referem-se ao jeito de fazer e de pensar a educação, para concretizar os próprios princípios filosóficos. São elementos essenciais e gerais na nossa proposta de educação, incluindo especialmente a reflexão metodológica dos processos educativos. São eles:

- a) Relação entre prática e teoria;
- b) Combinação metodológica entre processos de ensino e de capacitação;
- c) A realidade como base da produção de conhecimento;
- d) Conteúdos formativos socialmente úteis;

- e) Educação para o trabalho e para o trabalho;
- f) Vínculo orgânico entre processos educativos e processos políticos;
- g) Vínculo orgânico entre educação e cultura;
- h) Gestão democrática;
- i) Auto-organização dos/das estudantes;
- j) Criação de coletivos pedagógicos e formação permanente dos educadores e das educadoras;
- k) Atitude e habilidades de pesquisa;
- l) Combinação entre processos pedagógicos coletivos e individuais.

Compreende-se, portanto, que os princípios pedagógicos do MST, possuem significativa função intencional das ações educativas. Estes, estão diretamente ligados com o jeito de pensarmos o mundo e qual a formação humana que buscamos alcançar com as práticas educativas e políticas dentro do Movimento.

### 2.3 O CUIDADO COM A INFÂNCIA E A CIRANDA INFANTIL NO MST

Considerando toda a complexidade que se exige à compreensão acerca da Pedagogia do Movimento, bem como o conceito de formação humana que se tem dentro do MST, percebemos que ao olharmos para o projeto de sociedade que pautamos, é necessário compreender as Crianças Sem Terra como sujeitos, construtores de sua própria história. Assim, faz-se necessário também, esse olhar mais atencioso para a infância Sem Terra.

Segundo o Caderno da Infância, nº1 (2011) do MST, este projeto de sociedade vai além da luta pela Reforma Agrária e da produção de sustentabilidade no lote. Se busca, ainda, a transformação dessa sociedade como um todo, considerando que a infância é um tempo importante na formação do sujeito, do ser humano. “A primeira experiência de cuidado coletivo das crianças no Movimento aconteceu nos anos 90, no Ceará, depois nos cursos de formação nos encontros e nas cooperativas (CADERNO DA INFANCIA Nº1, 2011 p. 14) ”.

Compreender a criança como sujeito social dentro do Movimento é dar a ela um lugar de fala, é entender que lugar de criança é no movimento do Movimento. Não é possível negar a existência da criança, tão pouco suas necessidades específicas.

Temos que garantir espaços para o protagonismo das crianças, espaços para brincar e com intencionalidade pedagógica. Valorizar as/os educadores/as infantis, garantindo a eles melhor formação pedagógica e humana [...]. Lutar por políticas públicas que garantam espaços e condições para que nossas crianças vivam sua infância com dignidade (CADERNO DA INFÂNCIA Nº 1, 2011, p. 16)

Ainda na perspectiva do cuidado com a infância das crianças Sem Terras, é cabível salientarmos que esse olhar mais voltado às necessidades educacionais das crianças partiu de preocupações que ainda eram no campo do cuidado para com elas. O que fazer com as tantas crianças que estavam presentes juntos a seus pais na luta pela Terra?

Mesmo com tantas outras preocupações, alguns adultos percebem a ansiedade dessas crianças e começam a pensar no que fazer com elas. São formados grupos de mães, que passam a orientar as brincadeiras do grupo de crianças e a explicar, pelo menos um pouco, o que está acontecendo em suas vidas, integrando as nas várias atividades do Acampamento (CADERNO DE EDUCAÇÃO Nº 13, 1999-2001, p. 12)

Essa iniciativa se deu nas primeiras mobilizações dos Sem Terras, ainda na estruturação do MST, em uma das suas primeiras ocupações de terra no Rio Grande do Sul, a ocupação das fazendas Macali e Brilhante em Ronda Alta, 1979.

Maria Salete Campigotto, na época era professora estadual em Ronda Alta, integrante do grupo de pessoas que coordenaram essas atividades com as crianças. Tornara-se, depois, a primeira professora de Assentamento do País, segundo Caderno de Educação Nº13 (199-2001, p.12).

No acampamento, Salete passou a coordenar as atividades com as crianças. Na Encruzilhada Natalino ainda não se pensava em escola. A preocupação era como cuidar das crianças, evitar que se expusessem demasiadamente aos perigos de morar na beira de uma estrada e discutir com elas sobre a luta da qual forçadamente estavam participando (CADERNO DE EDUCAÇÃO Nº13, 1999-2001, p. 12)

Não demorou muito para que o debate sobre a escola para essas crianças viesse à tona. E assim se expandiu a pauta sobre essa demanda urgente para as crianças Sem Terrinha. Em 1982, após muito diálogo interno dentro do MST e juntamente com a Secretaria Estadual de Educação é autorizado a construção de uma escola dentro do acampamento. A escola foi legalizada só dois anos depois, já no então Assentamento Nova Ronda Alta (Caderno de Educação Nº 13, 1999-2001).

No intuito de potencializar, não somente o cuidado com as crianças do MST, mas também a formação destas, surgem as Ciranda Infantil do Movimento. Espaço de extrema importância para nossas crianças, onde elas aprendem brincando e vão construindo sua identidade a partir de sua realidade.

Neste sentido, considerando a importância da Ciranda Infantil, no cuidado com a infância Sem Terra, nos próximos subcapítulos buscamos apresentar um breve histórico da Ciranda Infantil do MST. Partindo da descrição de como estas acontecem, sua importância, bem como seus princípios metodológicos e pedagógicos, a partir de referenciais teóricos como artigos e documentos que abordam essa temática.

### **2.3.1 Ciranda no MST: Infâncias no Movimento**

Para abordar um estudo sobre a Ciranda Infantil do MST foi necessário olhar para essa história, para o como e o porquê surgiu o debate acerca da Educação Infantil dentro deste Movimento. Segundo Camini (2012, p. 3)

A preocupação do MST com as crianças vem desde a sua origem, pois nas famílias camponesas, e mais ainda nas famílias Sem Terra, é costume as crianças viverem próximas, juntas de seus pais, pois não havia condições reais para separá-las do convívio familiar. E se houvesse, é provável que, pelas características familiares que integram este Movimento, elas continuariam optando por ter seus filhos, próximos.

Com isso percebemos que o início das inquietações, da percepção da demanda inicia junto com a consolidação do movimento. Conforme Camini (2012, p. 4)

Lembremos que no acampamento da Encruzilhada Natalino (RS), ainda na pré-história do MST, em 1981, houve um primeiro movimento de reunir as crianças e fazer um trabalho com elas, embora este espaço ainda não fosse chamado de escola, de ciranda, ou algo parecido.

É possível percebermos que a preocupação de como seria abordada a Educação Infantil das crianças Sem Terra vinha se mostrando cada vez mais relevante internamente neste Movimento. Necessidade que forjou o Movimento a compreender que todos os filhos dos Sem Terra eram filhos também da grande Família Sem Terra (CAMINI, 2012).

Com isso, inicia-se a construção coletiva de um processo educativo e pedagógico, respeitando e inserindo as crianças na complexa luta pela terra. Porém,

nunca esquecendo que estes seres são crianças, são sujeitos em construção e que assim sendo, merecem ser respeitados. Para Camini (2012, p.2) as crianças precisam ser respeitadas em suas dimensões de vida afetiva, intelectual, social, humana, ética, estética, espiritual e temporal.

Camini (2012) nos apresenta duas principais necessidades que alavancaram o debate sobre Educação Infantil dentro do MST:

A primeira se deu nos assentamentos, à medida que as mulheres começaram a participar, através dos grupos coletivos, das cooperativas e associações. A segunda se deu com a participação das mulheres na militância, quando se inseriram na organização local, participando de cursos formais, encontros de formação, das lutas e reuniões. (CAMINI, 2021, p. 5)

Na perspectiva da autora é necessário a construção de um processo que reconheça a criança como sujeito histórico, que possui sua individualidade e necessita de um projeto de educação que busque a transformação social e humana. Tudo isso se estende desde o nascimento do Movimento, em que a preocupação vai além do setor de educação, envolve mais frentes/setores como o de gênero e saúde.

[...] a questão central não era ainda a criança, mas as atividades e o envolvimento das mães no processo dessa luta, que impunham à necessidade de um espaço onde deixar os filhos com segurança. Isto foi determinante para a discussão em torno da importância da Educação Infantil (CAMINI, 2012, p.5).

Visualizada a demanda interna, que se constrói o setor de Educação do MST, espaço que centralizaria os estudos voltados a essa temática dentro do Movimento, percebemos a intencionalidade e o início de tudo. Em 1987, o setor de Educação no MST teve sua criação em um grande encontro que reuniu representantes de sete Estados onde o Movimento já estava atuando. As discussões partiram de duas questões: “O que queremos com as escolas de Assentamentos? ” “Como fazer a escola que queremos? ” BIHAIN (2001, p. 26).

A grande demanda apontada pelo setor de educação nesse período, segundo Bihain (2001), era a implantação de escolas públicas de 1ª a 4ª série nos Assentamentos e em alguns acampamentos. Em seguida, o debate avança para crianças de 0 a 6 anos e cria-se as creches do MST, inicialmente nas cooperativas.

Enquanto os pais trabalhavam, as crianças pequenas precisavam ser atendidas. Para isso, então, criaram uma creche. O espaço físico era uma casa sem divisória e sem o mínimo de estruturas para acolher as crianças, para alimentá-las, para oferecer-lhes seus atrativos, sem ocupações, sem conforto (BIHAIN, 2001, p.27).

A Educação infantil passou a ser uma demanda real e necessária dentro da organização e propostas do Movimento, juntando-se a tantas outras. Constituiu-se, portanto, a Comissão de Educação Infantil, “[...] que tem a tarefa de planejar e pensar “os processos de organicidade” nas áreas de formação de educadores e de educadoras leigas, montagem dos processos educativos para as crianças, produção de materiais etc.” (BIHAIN, 2001, p. 28)

Para Bihain (2001), esta comissão tem compromisso e responsabilidades no desencadeamento de processos educativos e na garantia do cumprimento dos direitos das crianças.

Estes direitos devem ser que sejam assegurados pelos seus responsáveis, independente do espaço em que a criança estiver, isto é, qualquer atividade desencadeada pelo MST, que vai desde a mobilização de pessoas/famílias para montar um novo acampamento, participação das crianças juntos às nas mobilizações e cursos de formação[...] Precisamos garantir às crianças o acesso aos cuidados básicos de alimentação, de higiene, de sono, de segurança, de carinho e de amor, como também responsabilizar e subsidiar os educadores, para garantir a organização de espaços de educação para garantir a organização de espaços de educação para crianças de zero a seis anos (BIHAIN, 2001, p. 29).

O cuidado e a responsabilidade sobre a criança se estende a todos os sujeitos da comunidade, assentamento ou acampamento, não sendo apenas um dever da mãe ou da família como um todo.

### **2.3.2 De Creche à Ciranda Infantil – Um olhar para as diversas dimensões do ser Sem Terrinha**

Quando analisamos o processo histórico e cultural em que surgiu o debate acerca da Educação dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, especificamente sobre a Educação Infantil, compreende-se que quanto a esse setor, há uma imensa dimensão de práticas desenvolvidas. O desafio da comissão de

Educação Infantil é grande quando se busca sistematizá-las. Para que isso se possa projetar um processo educativo para a Educação Infantil no Movimento, busca-se, inicialmente, traçar o Plano de Atividades (BIHAIN 2001).

Foram esses e outros desafios que levaram essa comissão a descrever as experiências desenvolvidas internamente no MST, inicialmente nas cooperativas, as creches e pré-escolas, de Ciranda Infantil.

O nome Ciranda Infantil não surge por acaso, ele surge expressando aquilo que buscamos, que sonhávamos para as crianças das áreas de Assentamentos e Acampamentos no que se refere aos processos educativos para essa faixa etária e também ao direito de ser criança, enquanto sujeito de direito. (BIHAIN, 2001, p. 30)

Percebemos que, ao assumir os espaços pedagógicos e de cuidado com a criança Sem Terra como Ciranda Infantil, cria-se uma identidade em que a responsabilidade pelas necessidades e respeito a esses sujeitos que estão em movimento junto ao Movimento, é coletiva. Esta é uma demanda importante de ser abordada em todos os espaços organizativos do MST, desde as mobilizações nos assentamento e acampamentos, dos coletivos, das lideranças. É imprescindível garantir os direitos como criança e, principalmente, como Sem Terrinha, caracterizando toda sua individualidade e especificidade.

O que se quer é uma Ciranda em que a criança tenha direito de agir, que oportunize a descoberta, o experimento e a busca de desafios, de perguntas/respostas. Que seja construído um espaço agradável, afetuoso, seguro, para que possa se sentir segura, amada, atendida e com liberdade. Que nessa ação sejam construídas relações consigo mesma, sejam desenvolvidas as diferentes formas de expressões. Que sejam cultivados e vivenciados valores como o amor, a responsabilidade e a solidariedade para com todos. (BIHAIN, 2001, p.31)

A Ciranda Infantil está em movimento, caminha junto aos princípios organizativos e sociais do MST, percorre junto à organização do Movimento. Neste sentido, está organizada para que atenda as demandas organizativas para cada espaço de atuação. Assim está organizada em Ciranda Infantil Itinerante e Ciranda Infantil permanente.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo buscamos descrever as técnicas adotadas para, a partir do método escolhido, obter os resultados e respostas acerca da problematização apresentada neste trabalho. Considerando a conjuntura pandêmica que enfrentamos, esses foram os caminhos possíveis de se percorrer para realização do projeto.

O presente trabalho se caracteriza como pesquisa, pois segundo Marconi e Lakatos (2007, p. 155) “[...] é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Assim, a pesquisa se realizou por meio de uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico e documental. Metodologia mais apropriada para alcançar os objetivos propostos.

Para Severino (2007, p. 119) “[...] são várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas”.

A pesquisa qualitativa, de acordo com Gomes; Minayo, (2007)

responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (GOMES; MINAYO, 2007, p.21).

Compreendendo os aspectos que envolvem a pesquisa qualitativa é que essa pesquisa se insere nessa abordagem, buscando investigar nas produções científicas aquilo que foi analisado, foi elencado sobre as Cirandas Infantis no MST. Para dar continuidade a essa proposta foi escolhida a pesquisa bibliográfica. Esta tem como base os materiais a serem estudados como fonte referencial de escrita e análise, como livros, revistas, artigos, monografias, dissertações e teses que abordam o tema e possibilitem atender, a partir da análise, os objetivos aqui estipulados.

Para Severino (2007, p. 122) “A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados”.

A pesquisa também apresenta um cunho documental, ou seja, no sentido de investigar documentos que serviram de suporte para a apresentação das Cirandas Infantis nos assentamentos, sua história e identidade. Para Severino (2007, p. 122),

No caso da pesquisa documental, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Neste caso, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise.

A análise documental contribui significativamente com o objeto de estudo ampliando as possibilidades de compreensão e análise. Para Marconi e Lakatos (2007, p.174) esta é a principal característica da pesquisa documental, como fonte primária pode ser escrita ou não, ampliando as possibilidades, aproximando os objetos da pesquisa.

Nesta perspectiva, no presente trabalho, realizou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa, de cunho exploratório-descritiva em a pesquisa bibliográfica e documental deram sustentação para análise e compreensão sobre as produções científicas presentes no repositório do IBICT, a respeito da Ciranda Infantil do MST entre os anos de 2000 a 2020. Utilizamos a palavra-chave de pesquisa “Ciranda Infantil do MST”. Foram encontrados 8 (oito) trabalhos que dialogam sobre o tema de pesquisa.

Em segundo momento com o objetivo de realizar um Estado do Conhecimento, metodologia que vem ganhando espaço no campo das pesquisas científicas, seguiu-se a leitura e organização metodológica. Segundo Morosini (2015)

[...] estado do conhecimento é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica (2015, p.102)

Nesse sentido, nos apropriamos dessa metodologia para identificar as produções científicas já existentes sobre o tema, potencializando a análise destas. Assim, a partir da seleção das produções encontradas no repositório do IBICT, por meio de uma pesquisa de Estado do Conhecimento abordando o tema da Ciranda Infantil do MST, utilizamos um quadro para catalogar alguns dados. Nestes foram registrados dados como: ano de publicação, tipo (tese ou dissertação), autor (as/es),

título, objeto de estudo, metodologia e resultado. Buscamos com esse levantamento de informações compreender a importância do tema trabalhado, relatando e comparando as concepções e debates apresentados nas produções encontradas no repositório.

Considerando isso, construímos categorias de análise das quais se organizaram o capítulo de análise.

Segue o quadro utilizado para levantamento de dados:

Quadro 1

nº	ano	tipo	autor(as/es)	título	objeto de estudo	metodologia	resultados

Realizada a coleta de dados encontrados no repositório do IBICT, passamos para o passo seguinte, a análise dos conteúdos.

Para realizar esta análise, utilizamos como embasamento teórico as contribuições de Laurence Bardin (1997),

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (BARDIN, 1997, p.37).

Ainda, segundo Bardin (1997, P.44), “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Ou seja, existe minimamente alguns procedimentos a serem seguidos para realizar uma análise de conteúdo.

Para realizar a análise de conteúdo utilizamos o método que Bardin (1997) dividido em três fases: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

#### A pré-análise

É a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise (BARDIN, 1997 p. 125)

Assim, esta fase consiste na escolha das matérias e a leitura flutuante, guiada muito pela intuição e formulação de hipóteses do investigador seguida da preparação do material para análise.

Na sequência, a exploração do material diz respeito a “administração sistemática das decisões tomadas [...] consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 1997, p. 101).

Realizada a leitura exploratória, fez-se um recorte sobre as Cirandas Infantis no MST e o que se destacava em cada produção. Segundo Bardin (1997)

Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos ("falantes") e válidos [...] estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise (BARDIN, 1997, p. 131)

Da mesma forma realizamos, no presente trabalho, com o quadro apresentado anteriormente, as sistematizações pesquisadas nas produções científicas, que subsidiaram organização das categorias de análise.

Ainda sobre análise de conteúdo, Bardin (1997), ressalta que maior parte das análises se organizam em torno de um processo de categorização, que nada mais é que:

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos (BARDIN, 1997, p.147)

Com isso, após a análise das produções científicas encontradas no repositório do IBICT, foram definidas 3 (três) categorias de análise para a escrita dos próximos

capítulos. De maneira geral, todos os trabalhos apontam questões sobre as categorias delimitadas, porém algumas enfatizaram mais alguns aspectos que outros. Com base nisso, optamos por apresentar os debates produzidos pelas produções científicas em cada categoria. São elas: a) A proposta pedagógica para a infância no MST, b) a Identidade da Criança Sem Terrinha e c) Os limites e possibilidades da Ciranda Infantil do MST.

Traçamos o percurso metodológico para desenvolver este trabalho de pesquisa na busca de compreender a importância da Cirandas Infantil do MST e as provocações e contribuições para os processos de formação/educação das Crianças Sem Terrinhas. Os capítulos seguintes debatem sobre as categorias de análise desenvolvidas como construção do Estado de Conhecimento.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os apontamentos e debates contidos nesse capítulo, surgem a partir do Estado de Conhecimento realizado no repositório do IBICT. A pesquisa foi realizada com a intenção de proporcionar uma visão acerca do objeto de investigação, bem como, ressaltar a relevância do tema pesquisado. Assim sendo, para a realização deste Estado de Conhecimento, foram analisadas as produções científicas encontradas no repositório do IBICT, entre os anos de 2000 a 2020, a respeito da Ciranda Infantil do MST.

No IBICT, foram encontrados ao todo 8 (oito) produções científicas sobre o tema “Ciranda Infantil do MST” das quais foram catalogadas para análise seguindo a metodologia já descrita. Assim, os assuntos que mais se destacaram nas produções foram: a) A proposta pedagógica para a infância no MST; b) Identidade da Criança Sem Terrinha; c) Limites e Possibilidades das Cirandas do Movimento, que estão apresentadas abaixo.

### 4.1 A PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A INFÂNCIA NO MST

Para descrever esta primeira categoria de análise, apontamos 3 (três) trabalhos que mais enfatizaram o assunto relacionado com a proposta pedagógica do MST. Destes, o primeiro é de autoria de Luiz Henrique dos Santos Barcellos, uma dissertação de mestrado contendo 142 páginas com o tema “A Ciranda Infantil e as crianças Sem Terrinha: educação e vida em Movimento”. O objetivo principal do texto é investigar como se configura a pedagogia de Educação Infantil do MST. O autor ressalta que ao olharmos para esta proposta de educação é necessário refletirmos e vincularmos esse debate à realidade em que o Movimento está inserido.

[...]seu contexto social, histórico, político, sendo assim, pensar o próprio MST em sua organicidade e em sua proposta de atuação, compreender seus motivos e formas de luta, compreender historicamente o povo que se vincula a esse Movimento, sobretudo as crianças. (BARCELLOS,2020, p.12).

Observando isso, ainda segundo o autor, a proposta pedagógica do MST, nada mais é que a forma que o Movimento percorre para formar o ser Sem Terra,

compreendendo que, para isso, esta proposta está enraizada na coletividade organizada com projetos de futuro (BARCELLOS, 2020).

A pedagogia do Movimento acompanha o MST desde sua origem, está vinculada aos seus processos históricos e este tem um olhar para a educação de forma particular, porém, segundo Barcellos (2020):

[...]utilizando matrizes pedagógicas e seguindo princípios filosóficos e pedagógicos, a novidade maior está no movimento do Movimento, na prática viva que acontece nas escolas e cursos, uma pedagogia não estanque, que ao mesmo tempo segue lutando pela construção de um projeto popular de educação (BARCELLOS,2020, p.95).

Segundo o autor, o MST reafirma de forma clara que se ampara em matrizes pedagógicas já existente. No entanto, não segue apenas uma, a pedagogia do Movimento acontece em movimento, deixando que a própria situação educativa específica, se encarregue de mostrar quais necessitam de mais enfoque, em um determinado momento ou outro. E isso acontece em muitos espaços formativos do MST, assim como aponta Barcellos (2020)

Quanto aos princípios para o Movimento estão para a ideia de começo, de base, ponto de partida. Os princípios ao mesmo tempo não são só sugestões, e nem são apenas normas deliberadas. Eles são bases, pontos de partida, subsídios, que clareiam convicções e valores que devem nortear ações. Permitem a realização dialética da proposta formativa e as diferentes escolas do Movimento, cada qual em seu espaço geográfico (estado, cidade, acampamento ou assentamento), em seus contextos histórico, social e econômico, tem como ponto de partida os mesmos objetivos e os mesmos princípios e, nas suas possibilidades e contradições, vão construindo novas síntese (BARCELLOS, 2020, p.97).

A partir disso, o autor apresenta os princípios orientadores do MST, destacando que estes se organizam em: princípios filosóficos, aqueles que remetem à visão de mundo, de pessoa e sociedade; e princípios pedagógicos, aqueles que remetem ao modo de fazer e pensar a educação. Para consolidar os princípios filosóficos Barcellos (2020) afirma ainda que

Os elementos da pedagogia do Movimento misturam-se e acontecem, ao mesmo tempo, no cotidiano da vida e luta coletiva. A luta, por exemplo, torna-se importante fator educativo, com a luta social o Sem Terra e o Sem Terrinha aprende a lidar com conflitos, soluções para as necessidades, buscando

superá-los de forma consciente para si e para a coletividade. A educação pela história e pela cultura enraíza o Sem Terra, traz unidade, coesão, identificação para a coletividade (BARCELLOS, 2020, p.100).

Para o autor, a educação no MST é muito mais ampla que o processo de escolarização em si. No entanto, o Movimento não nega a importância desse processo. Essa educação abrange processos de formação da subjetividade da luta, a visão de mundo partindo das reflexões da classe trabalhadora e camponesa, o que faz com que se crie um nome próprio, de uma coletividade, o ser Sem Terra.

A segunda publicação é de autoria de Neiva Maria Bihain, uma dissertação de mestrado intitulada “A trajetória da Educação Infantil no MST: de ciranda em ciranda aprendendo a cirandar” tendo como objeto de estudo a trajetória da Educação Infantil no MST enfocando a Ciranda Infantil como espaço próprio da criança de zero a seis meses. A autora debate o assunto da categoria de análise em questão no capítulo denominado de “A educação Infantil e sua história no MST”, apresentando, inicialmente um breve histórico da construção do debate em torno da educação no MST:

Em 1987 o setor de Educação do MST teve sua criação em um grande encontro que reuniu representantes de sete Estados onde o Movimento já estava atuando. As discussões partiram de duas questões: O que queremos com as escolas de Assentamentos? Como fazer a escola que queremos? (BIHAIN, 2001, p. 26)

Com a criação do setor de educação, o debate acerca da Educação Infantil foi se potencializando. Foram construídas formas organizativas e elaborações de propostas pedagógicas vinculadas às demandas pautadas pelos Estados. Demandas que permeiam desde a implementação de escolas públicas de 1ª a 4ª série. Para isso, contam com um trabalho mútuo entre os professores que já atuavam nas escolas junto com os representantes das comunidades, a fim de refletirem que escola diferente se projeta construir (BIHAIN, 2001).

A autora ressalta que, quando a Educação Infantil é colocada no mesmo nível de outras demandas internas do Movimento é o momento que esta é realmente vista e vai se consolidando, se originando a partir das necessidades das bases dos Estados.

Outro passo importante, apontado pela autora, na construção do debate referente a Educação Infantil e às propostas pedagógicas está na organização no Movimento. Pois,

[...] constitui-se a Comissão de Educação Infantil, que tem a tarefa de planejar e pensar “os processos de organicidades” nas áreas de formação de educadores e de educadores leigos, montagem dos processos educativos para as crianças produção de materiais etc. (BIHAIN, 2001, p. 28)

Para além disso, atribui-se a essa comissão o compromisso e a responsabilidade no desencadeamento de processos educativos e na garantia do cumprimento dos direitos da criança (BIHAIN, 2001).

A terceira e última publicação analisada para dialogar com esta categoria é uma dissertação de mestrado de Laura Luvison Méliga, do ano 2014, traz como tema de pesquisa: “Educação Infantil do Campo: a educação das crianças pequenas nas proposições do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra”. Esta, debate a como objeto de pesquisa a Educação Infantil do Campo apresentando a compreensão das concepções e práticas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no que diz respeito a organização da educação das crianças pequenas tornando-a como a constituição de uma educação infantil própria dos sujeitos do campo.

Inicialmente, a autora aborda o assunto apontando algo que ela chama de encontro entre Educação do Campo e Educação Infantil, pois evidencia uma inter-relação entre elas. Não há, segundo a autora, como abordar discussões e reflexões sobre Educação Infantil, sem antes compreendermos Educação do Campo, pois é desta junção de conceitos situa a Educação Infantil do Campo.

Para apresentar o conceito científico e político da expressão “Educação do Campo”, a autora desenvolve um resgate histórico no qual dialoga com alguns autores como: Camini (2009); Caldart (2012); Ribeiro (2012); e Mundrin (2008).

Em diálogo com Brandão (1983), a autora aborda a questão da diferenciação entre Educação do Campo e Educação Rural “em suma a proposta de uma educação do campo surge como alternativa à educação rural até então implementada pelos programas e políticas governamentais” (MÉLIGA, 2014, p.18).

Ainda, segundo a autora, Educação do Campo está diretamente ligada a um Projeto Político Pedagógico voltado à realidade dos sujeitos do campo, a fim de dialogar com suas demandas que permeiam entre o campus da cultura, saberes e

outros, que reconheçam e respeitem a identidade dos sujeitos do campo. Nessa perspectiva, Méliga (2014) destaca que as

[...] reflexões acerca da educação e a necessidade de construção de uma proposta educativa própria surge, no MST, entorno da escola como instituição formalizada e principalmente do direito a escola de ensino fundamental [...] a preocupação com as crianças pequenas e a necessidade de sistematizar conhecimentos e princípios específicos para o trabalho com elas, caminham ao lado da construção e consolidação das cirandas infantis (MÉLIGA, 2014, p.34)

Ainda sobre a Educação Infantil do MST, a autora aponta, em diálogo com o conceito de Educação dentro do Movimento (MST,1999). Este possui uma relevância maior que escola, pois possui um campo de abrangência que perpassa desde a família, a comunidade, os assentamentos, acampamentos, encontros até mobilizações. Para estabelecer essa relação da educação com aspectos que ocorrem fora da escola a autora apresenta que “a Pedagogia do Movimento não cabe na escola, mas a escola cabe na Pedagogia do Movimento” (Boletim de Educação, 1997, nº 8, p.23). Dessa forma,

A formação humana diz respeito ao vínculo orgânico do ser humano com o seu meio social. Significa compreender a educação como processo de formação integral do indivíduo que vai para muito além da aquisição de novos conhecimentos; está relacionada a formação do sujeito enquanto humano parte de uma coletividade (MÉLIGA, 2014, p. 41).

A autora destaca isso como aspecto fundamental para caracterizar educação no MST. É nesse sentido que percebemos a essência da proposta pedagógica do Movimento.

A partir da análise realizada nas produções científicas encontradas no repositório identificamos que, com relação as concepções e debates acerca desta categoria, há uma certa forma de diálogo entre elas. Percebemos, também, que os autores/as apresentam nas suas pesquisas científicas características importantes sobre o que vem a ser a Pedagogia do MST, apontam a Pedagogia do Movimento como uma pedagogia que busca a transformação social e a emancipação humana.

Por meio da análise dessas pesquisas foi possível conhecer a importância que tem um movimento de massa organizado para a classe trabalhadora, tal qual é o MST,

pois é por essa organização coletiva que acontece o processo de emancipação de consciência, nesse movimento de luta pelos seus direitos.

Cabe ainda destacar como provocações a serem ampliadas em novas pesquisas científicas, o olhar prático sobre a Pedagogia do Movimento partindo da principal escola do MST, o acampamento. Apontamos como instigante a pesquisa desse estudo acadêmico mais aprofundado, no intuito de sistematizar as práticas pedagógicas com os Sem Terrinha que se inserem na etapa da Educação Infantil, em um acampamento específico, como um estudo de caso.

#### 4.2 IDENTIDADE SEM TERRINHA DAS CRIANÇAS NO MST

Como apresentado no subcapítulo anterior, o MST dentro de seus processos históricos, conduziu seu olhar para a infância devido a duas necessidades básicas fundamentais. Inicialmente nos acampamentos e nos assentamentos conforme as mulheres/mães começaram a participar dos espaços organizativos do Movimento. E, uma segunda necessidade parte do momento em que as mulheres passam a participar mais ativamente na militância, se inserindo na organização política, no âmbito regional e nacional, participando de cursos formais, encontros de formação de formadores e formadoras, das reuniões, das marchas, das lutas de forma geral.

A partir desse olhar se potencializou o protagonismo da infância Sem Terra. Esse movimento constituiu a identidade das crianças organizadas no MST. Essa identidade, denominada identidade Sem Terrinha, reafirma essas crianças como sujeitos de um campo que está em movimento.

Nesse sentido, para dialogar com essa categoria analisaremos 3 (três) produções científicas das quais mais abordaram o assunto. O primeiro é uma dissertação de Mestrado em Educação de autoria de Ana Marieli dos Santos Luedke, com o título: “A formação da criança e a ciranda infantil do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra)” que dialoga com o objeto de estudo sobre o estudo das cirandas infantis do MST, suas peculiaridades, particularmente as que se referem à organização e proposição de atividades formativas para a criança, entre elas a brincadeira.

A autora inicia seu trabalho estabelecendo um valioso diálogo com diversos autores relacionado a temática da infância de forma geral, bem como as crianças nas Cirandas Infantis do MST. Observando isso, torna-se relevante enfatizarmos o diálogo

com Benjamin (1984) destacando que, antes de tudo, ao falarmos de infância na Ciranda Infantil, é necessário compreender que crianças são sujeitos sociais e históricos. Portanto, não há como tratarmos eles como uma comunidade isolada, pois são pertencentes a uma classe, neste caso, a classe trabalhadora (LUEDKE, 2013).

É neste contexto, principalmente, que se materializa a identidade Sem Terrinha. Ou seja, é ao possibilitar a esses sujeitos o reconhecimento de sua cultura, sua história, e também nos espaços formativos, espaços esses que no Movimento vão além da escola, que se constitui essa identidade, nas variadas dimensões de aprendizagens vivenciadas por essas crianças (LUEDKE, 2013).

As brincadeiras, na análise da autora, se constituem como instâncias importantes nesses processos de aprendizagem, em que são compartilhadas experiências de um modo de viver, que geram desenvolvimento humano, perante situações e interações sociais que passam a ser a base para essa apropriação cultural (LUEDKE,2013).

Quanto a segunda pesquisa analisada, referente a esta categoria, temos uma tese de doutorado do ano de 2016 da autora Edna Rodrigues Araújo Rossetto, defendida como título: “A organização do trabalho pedagógico nas Cirandas Infantis do MST: lutar e brincar faz parte da escola de vida dos Sem Terrinha”. O objeto de estudo estabelece-se em torno da discussão sobre a Ciranda Infantil permanente do Assentamento Dom Tomás Balduino e a Ciranda Itinerante Paulo Freire do VI Congresso Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Segundo a autora, a identidade Sem Terrinha parte de uma educação emancipadora construindo um pertencimento dessas crianças ao Movimento e fazendo delas protagonistas de sua própria história. Isso acontece ao brincar e lutar tudo ao mesmo tempo. Ela associa isso ao Projeto Político Pedagógico do MST:

O projeto político-pedagógico de Educação do MST está vinculado ao seu projeto político – que tem por objetivos a luta pela terra, a luta pela reforma agrária e a luta pela transformação da sociedade –, procurando potencializar todas as práticas educativas presentes na luta cotidiana, constituindo-se na grande escola formadora da consciência de classe para emancipação humana (ROSSETTO,2016, p. 36).

Essa educação emancipadora busca formar sujeitos capazes de compreender a realidade em que vivem e, posteriormente, mudar essa realidade conforme suas necessidades.

É no dançar a ciranda, de mãos dadas, dedos entrelaçados, e com um emaranhado de ideias, que as crianças se juntam para fazer girar a história. Seja através de brincadeiras, seja na contação de histórias, seja na participação na luta, as crianças interagem entre elas e com os adultos, expressam as suas opiniões sobre a luta, sobre a escola, sobre a Ciranda Infantil, enfim, sobre a sociedade, dando pistas das mudanças necessárias a serem feitas, pensando na transformação da realidade (ROSSETTO, 2016, p. 62)

Assim se faz o protagonismo da criança Sem Terrinha organizadas dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que estão presentes desde a luta pela terra sendo construtores de um projeto de um novo projeto de vida, ao compreender as relações que esta sociedade capitalista os submete.

O terceiro trabalho é também de autoria de Edina Rodrigues Araujo Rossetto, desta vez analisaremos a dissertação de mestrado do ano de 2009, com o título: “Essa Ciranda não é minha só, ela é de todos nós: a educação das crianças Sem Terrinha no MST”. A autora apresenta como objeto de estudo a Ciranda Infantil do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, com intuito de situar como foi se constituindo essa prática educativa vivenciada pelas crianças, no processo de luta pela terra, tendo como universo pesquisado as Cirandas Infantis Itinerantes que acontecem em algumas atividades do MST, tais como: cursos, marchas, congressos etc., e ainda a Ciranda Infantil “Ana Dias” na regional de Itapeva, Estado de São Paulo.

Neste estudo a autora enfatiza a importância da Ciranda Infantil na construção da identidade Sem Terrinha, sendo esta facilitadora do engajamento das crianças na luta pela terra junto aos seus pais desde pequenas buscando, para além da conquista da terra, a transformação da sociedade (ROSSETTO, 2009).

A autora aponta três principais momentos em que as crianças passaram a serem vistas de distintas formas dentro do MST: “primeiro, como criança; segundo, como criança acampada ou assentada e terceiro como criança Sem Terrinha. Na luta pela terra, em alguns momentos as crianças reagem, conforme as ações vividas neste processo, de forma mais espontânea” (ROSSETTO, 2009, p. 74).

Ainda, para embasar essa reflexão, dialoga e apresenta reflexões a partir do depoimento de Görgen, em julho de 1981, entrevista apresentada no estudo de Caldart (2000,190). Esse depoimento conta que

Neste período, encontra-se o acampamento de Encruzilhada Natalina, em Ronda Alta, passava por seu momento mais dramático. Estava cercado pelo Exército Nacional e a Polícia Federal comandava a operação no local. O coronel, Sebastião Rodrigues de Moura, o temido coronel Curió... Tudo o que vi, ao meu redor, foi desilusão, insegurança e desespero. Caminhei por todo o acampamento, rodeado por agentes da Polícia Federal, sem poder conversar com ninguém... Tentei trocar alguns olhares, encorajamento com algumas lideranças que via pelo caminho, mas, àquelas alturas, eu mesmo considerava aquela batalha perdida. Meu coração estava aflito e minha mente perturbada. Naquelas condições, não havia resistência possível. Foi quando me chamou a atenção uma criança de uns quatro anos de idade, sentada encima de um tronco de árvore, quase ao centro do acampamento, parecendo alheia a tudo que ali estava acontecendo, sem se importar com o aparato militar que rodeava, cantava a plenos pulmões a música – hino dos sem terra naquela época: “A grande Esperança”. Parei, tomado de emoção, ouvindo aquela voz infantil, rompendo com o silêncio imposto pela ditadura militar e pelas elites aos camponeses, que estavam ousando lutar pela terra. E a voz infantil cantava: “a classe roceira e a classe operária, ansiosa espera a reforma agrária” - Cantava a vozinha inocente, acordando em mim a coragem amortecida. Naquele momento, me deu uma súbita certeza: este povo vai resistir e vai vencer. Pela simples razão, de que, só assim, haveria esperança de futuro para aquela criança e a multidão de outras que se acotovelavam nos barracos. As crianças sofriam, mas também, brincavam pelas ruas dos barracos daquele acampamento. E assim, se deu. A criança venceu o coronel, que hoje é cinza na história e as crianças continuam por aí pelos acampamentos e assentamentos dos Sem Terra, com seus olhinhos brilhando, com algazarra e alegria, com sua felicidade brotando do meio da miséria, com sua esperança sempre viva, com sua vivacidade e esperteza, instigando a consciência dos que têm coragem de deparar-se com elas (ROSSETO, 2009 *apud* CALDART, 2000, p. 190)

É nesse processo que acontece o princípio da construção da identidade Sem Terrinhas das crianças do Movimento, para posteriormente promoverem ações organizadas atendendo especificamente demandas dessas crianças.

Nessa categoria podemos observar que as produções científicas enfatizam o protagonismo das crianças Sem Terra, concordam que elas são vistas como sujeitos sociais que possuem voz ativa dentro do Movimento. Ressaltam também que as vivências desses sujeitos no dia a dia com a família e nas atividades da Ciranda Infantil vão formando sua identidade coletiva. Essa identidade é construída na luta e não menos importante, nas brincadeiras que são realizadas com o que eles têm à disposição.

Para além disso, a análise das produções científicas nos mostram que os Sem Terrinhas são sujeitos socioculturais, pois tem uma história e uma cultura que carregam consigo. Com isso, os processos de formação humana dentro do MST acontecem por meio das interações sociais vivenciadas nos espaços do Movimento.

#### 4.3 LIMITES E POSSIBILIDADES DAS CIRANDAS NO MOVIMENTO

Buscamos, essa última categoria, apontar aspectos importantes a respeito dos limites e possibilidades das Cirandas Infantis do MST. Fizemos isso analisando duas das produções científicas elencadas pela pesquisa no IBICT.

A primeira pesquisa analisada é a dissertação de autoria de Fábio Accardo de Freitas, intitulada “Educação Popular Infantil: possibilidades a partir da Ciranda Infantil do MST”. O autor desenvolve uma pesquisa bibliográfica, documental e de estudo de caso, destacando como objeto de estudo a Ciranda Infantil do pré-assentamento Elizabeth Teixeira do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Em um primeiro momento o autor realiza uma análise crítica sobre as teorias que utilizamos nas práticas das Cirandas e das infâncias do Movimento, apontando que algumas falam sobre educação, mas não abordam a infância em si. Faz isso dialogando com a *práxis*, apontando que a prática questiona a teoria e a teoria questiona a prática. Ou seja, nas vivências práticas, na construção da Ciranda Infantil em diálogo com a educação popular, percebeu que essa prática exigia outras teorias que atendessem a complexidade da Infância e da Infância Sem Terra, bem como a teoria exigia novas práticas.

Segundo Freitas (2015), um dos limitantes à organização da Ciranda Infantil, nos assentamentos, perpassa pelo modo de organização interna de cada assentamento, pois há a possibilidade de serem coletivos, agrovilas ou lotes individuais. Isso depende de cada região, localização dos assentamentos, mas que, na maioria das vezes, é escolhido o lote individual.

O lote individual dificulta a organização e produção coletiva no assentamento. Chegam, por vezes, a coletivizar as vendas dos produtos cultivados, uma vez que isso garante maiores preços para a venda, uma divisão dos custos de transporte e maior rendimento econômico para as famílias. No entanto, a vida social depende de outras formas coletivas de vivência nos assentamentos que muitas vezes são dificultadas pelas condições sociais, econômicas e organizativas de cada assentamento (FREITAS 2015, p. 57).

Compreende-se, portanto, que a vida social, principalmente das crianças, fica limitada com a organização individual dos lotes. Ainda, segundo Freitas (2015, p.57) “essa dispersão geográfica das famílias, conjuntamente com outros fatores da

organização interna do pré-assentamento e da organicidade do próprio MST, desfavoreceu o fortalecimento de laços coletivos de organização da comunidade”.

O autor, a partir de um olhar sobre os limites e possibilidades, faz uma reflexão crítica com relação a terminologia de quando é generalizado ao chamarmos de “os Sem Terrinha”, “os Sem Terra”.

Por isso, não podemos falar *da* reforma agrária e *do* MST, pois cada contexto vai configurando um tipo de assentamento, um tipo de reforma agrária, possibilidades e limites para a organização do MST. Assim como não podemos falar em Sem Terrinha em geral, em criança sem-terra, em infância sem-terra, mas em infâncias sem-terra, determinadas pelas condições concretas de vida. Ainda que exista uma relação de classe, de trajetória de luta, de projeto de sociedade e de história de vida compartilhada, que podemos chamar de uma identidade Sem Terra ou Sem Terrinha, as crianças e o coletivo de crianças em cada assentamento vivenciam a infância nas suas condições concretas de vida (FREITAS, 2015, p. 58)

É possível, portanto, observarmos as realidades de cada acampamento e assentamento, para conhecermos os contextos de cada uma delas, para assim refletirmos sobre seus limites e possibilidades. Dentro deste contexto, passamos a compreender e superar os desafios e as possibilidades que a realidade impõe aos movimentos sociais.

Quanto as possibilidades a partir da Ciranda Infantil do MST, o autor aponta que

[...]se no início a Ciranda Infantil era vista como um espaço para cuidar dos filhos e filhas das militantes, uma vez que o cuidado com as crianças é um trabalho socialmente atribuído às mulheres, hoje é um espaço pensado para o coletivo de crianças do MST e para a participação das crianças na luta pela terra. É também um espaço que afirma e garante às crianças a vivenciarem esse momento da vida que é a infância (FREITAS, 2015, p.69)

Neste sentido, é perceptível, a partir do olhar do autor, que apesar de algumas questões limitantes que tornam desafiador a construção da Ciranda, não podemos negar a importância desse espaço para a Infância Sem Terra. Ela está diretamente ligada ao objetivo do Movimento, sua responsabilidade com a formação humana e novas formas de relações sociais, dialogando com a Educação Popular.

A segunda e última pesquisa científica analisada é uma dissertação de mestrado da autora Márcia Mara Ramos, intitulada: “Educação, Trabalho e Infância: contradições, limites e possibilidades no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem

Terra”. Esta, apresenta como objeto de pesquisa uma discussão sobre a prática educativa do MST na formação das crianças Sem Terra por meio da mobilização infantil no Estado do Pará e suas ações contra hegemônica. De primeiro momento pensava-se que devido ao tema da pesquisa, encontraríamos mais elementos sobre as limitações e as possibilidades na especificidade da Ciranda Infantil, no entanto, com a análise, percebemos que a autora aborda as limitações e os desafios de forma geral, ou seja, olhando para aquilo que é imposto pelo capital ao Movimento.

Quanto às possibilidades, a autora aponta que apesar das limitações da sociedade capitalista, da indústria cultural que estão presentes na infância Sem Terra, é visível o protagonismo dos Sem Terrinhas em construir um espaço voltado as suas necessidades dentro do MST.

As pesquisas científicas analisadas para dialogar com esta categoria abordam os limites e possibilidades, ao mesmo tempo que de uma forma específica, quanto de uma maneira geral àquilo que se impunha ao Movimento. Nesse sentido, não foi possível estabelecer, nesse momento, uma análise sobre os limites, desafios e possibilidades ao estruturar a Ciranda Infantil, em construir o espaço físico para as atividades, bem como reflexões sobre como fazemos chegar o debate do cuidado com a infância até a família. Estas foram hipóteses construídas que seriam abordadas, mas ao ler e analisar as produções, concluímos que os aspectos em discussão eram outros. Assim, analisamos as produções científicas naquilo que elas efetivamente trouxeram no âmbito da discussão sobre as Cirandas Infantis do MST, a fim de contribuir no campo da pesquisa em educação e em especial para o curso de Educação do Campo: ciências da natureza, do qual é apresentado esse trabalho como conclusão de curso.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sou o Sem Terrinha do MST  
 Acordo todo dia pra lutar, você vai ver!  
 Por TERRA, por ESCOLA, SAÚDE E EDUCAÇÃO,  
 Desse meu direito eu não abro mão!  
 [...] Ser Criança é ser feliz  
 Pra ser feliz tem que brincar  
 Pra brincar tem que sorrir  
 Pra sorrir tem que LUTAR!

Concluimos com essa bela poesia e letra da música composta pelas crianças Sem Terrinhas do Estado do Rio de Janeiro<sup>4</sup>. Ela retrata de forma sistematizada a importância da Pedagogia do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra na vida das crianças do Movimento, a partir de suas práticas educacionais desenvolvidas nos espaços de cuidado com a Infância, em especial na Ciranda Infantil.

Assim como a música das crianças que fala sobre sujeitos que protagonizam a luta pelos seus direitos e se identificam como pertencentes a um Movimento social, um Movimento de massa organizada, que a partir deste levantam bandeiras de luta: Terra, Escola, Saúde e Educação. Porém, não podemos esquecer de suas especificidades do Ser Criança que precisa *brincar, sorrir e ser feliz*, e mais, Criança Sem Terra, com letra *maiúscula*.

As produções científicas encontradas no repositório do IBICT e analisadas, também nos trazem esses elementos, nos pontam reflexões críticas a partir das concepções e debates que estas abordam acerca da Ciranda Infantil do MST.

Como já descrito na introdução deste trabalho, a iniciativa de estudar sobre o que já se tinha como produção acadêmica sobre o tema da pesquisa, mesmo que em cima de apenas um repositório, se deu por motivos pessoais e acadêmicos. No entanto, o que mais me provocou a estudar as bibliografias sobre a Ciranda Infantil do MST foi o objetivo de ampliar o olhar que eu já tinha nas vivências práticas, tanto como Sem Terrinha que fui, quanto como Educadora Popular de um Movimento social com tamanha importância na minha vida, o MST.

A análise nas produções científicas me fizeram refletir sobre a importância que o Movimento tem na minha própria formação humana e concepção política. Encontramos debates e apontamentos importantes para compreender tamanha

---

<sup>4</sup> Musicoteca – Plantando Ciranda 3. Disponível em: <https://mst.org.br/2017/12/06/plantando-cirandas-3/>

complexidade, que tanto a Pedagogia do Movimento, em suas matrizes formadoras, quanto o próprio Movimento têm para seus sujeitos participativos. A forma dinâmica com que os/as autores/as apresentam as concepções sobre a Ciranda Infantil do MST facilita a leitura e compreensão a partir de suas reflexões.

A partir da análise leitura e análise das produções científicas foi possível compreender que ao falar de Ciranda Infantil, fala-se também de luta por território. Um território que é disputado em vários âmbitos pelo capital, seja em privatização dos meios de produção, a terra, seja no projeto de educação e formação política e humana para a infância. É necessário ampliarmos o cuidado para com nossas crianças, acredito que para além destas serem o futuro do Movimento, estas são o presente, o agora. A disputa ideológica, social e política está acontecendo fortemente, no agora.

Devido ao IBICT ser um repositório que abrange as universidades de todo o Brasil, ressalto que se esperava encontrar mais publicações que tivessem como tema as Cirandas Infantis do MST. Porém, as poucas encontradas, mostram significativa importância para conhecermos tanto o histórico do pensar a Educação Infantil dentro do Movimento, quanto ao surgimento do debate sobre educação, bem como suas concepções sobre ela.

A maioria das publicações foram de autores e autoras que vivenciaram de alguma maneira as práticas educativas nos espaços das Cirandas Infantis e isso facilitou a compreensão sobre a visão frente às vivências, não ficando somente na teoria, pois vivenciaram a prática também.

Apesar disso, em uma reflexão mais crítica sobre as pesquisas científicas analisadas aponto que estas ficaram mais no âmbito das concepções acerca da Educação Infantil não atingindo o debate da estruturação em si das Cirandas Infantis do Movimento, a organização e práticas que são desenvolvidas no interior destas, apesar de alguns trabalhos terem abordado de forma mais implícita essa questão.

Outra reflexão possível a partir das análises, é que, independente das contradições e desafios internos é a identidade coletiva desse Movimento de massa organizado, o MST, que nos mantém unidos para seguir levantando bandeiras de *luta*, pautando objetivos em conjunto e é a partir disso respaldarmos nossas ações. É também no movimento do Movimento que emancipamos nossa consciência de luta pelos nossos direitos, nossa consciência de classe, de classe trabalhadora camponesa.

Por fim, ressalto a importância das pesquisas científicas para a produção e sistematização de conhecimento. Além disso, foi importante para compartilhar experiências, possibilitando conhecer uma realidade a partir das reflexões, debates e concepções trazidas pela escrita dos autores e das autoras. Finalizo e espero que este trabalho contribua significativamente, com os campos de pesquisa que busco dialogar, assim como colaborar na investigação de outras pesquisas, inclusive, como desafio para mim mesma, com o objetivo de aprofundar a pesquisa sobre o tema, em um possível-futuro de uma pesquisa de estudo de caso, buscando compreender ainda mais as potencialidades da Ciranda Infantil do MST. Assim sendo, finalizo com as palavras de Gilvan Santos em seu poema intitulado: Construtores do Futuro

Eu quero uma escola do campo  
Que tenha a ver com a vida da gente  
Querida e organizada  
E conduzida coletivamente

Quero uma escola do campo  
Que não enxerga apenas equações  
Que tenha como chave mestra  
O trabalho e os mutirões

Eu quero uma escola do campo  
Que não tenha cercas que não tenha muros  
Que iremos aprender  
A sermos os construtores do futuro

Eu quero uma escola do campo  
Onde o saber não seja limitado  
Que a gente possa ver o todo  
E possa compreender os lados

Que quero uma escola do campo  
Onde esteja o símbolo da nossa semente  
Que seja como a nossa casa  
Que não seja como a casa alheia.

Que quero uma escola do campo  
Que não tenha cercas que não tenha muros  
Onde iremos aprender  
A sermos construtores do futuro.

## 6 REFERÊNCIAS

BIHAIN, Neiva Marisa. **A trajetória da Educação Infantil no MST**: de ciranda em ciranda aprendendo a cirandar. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1537>. Acesso em: 4 fev. 2022.

BARDIN, L. (2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70.

BARCELLOS, Luís Henrique dos Santos. **A Ciranda Infantil e as crianças Sem Terrinha**: educação e vida em movimento. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/192820>. Acesso em: 4 fev. 2022.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**, São Paulo, Expressão Popular, 2004.

CAMINI, Isabela. **A infância no MST**: Desafio atual, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. 36 ed. Editora Paz e Terra, Coleção Saberes, 1996.

FREITAS, Fábio Accardo de. **Educação Infantil Popular**: possibilidades a partir da Ciranda Infantil do MST. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: <https://1library.org/document/q5ojjngz-educacao-infantil-popular-possibilidades-partir-ciranda-infantil-mst.html>. Acesso em: 4 fev. 2022.

LUEDKE, Ana Marieli Dos Santos. **A Formação da criança e a Ciranda Infantil do MST (Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem Terra)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/122931>. Acesso em: 4 fev. 2022.

MST – Caderno da Infância nº. 1. **Educação para Infância Sem Terra**: Orientações para o trabalho de base, São Paulo, 2011.

MST- Caderno de Educação nº. 8. **Princípios da educação do MST**, São Paulo, 1999.

MST- Caderno de Educação nº. 9. **Como fazemos a escola de Educação Fundamental**, Rio Grande do Sul, 1999.

MST- Caderno de Educação nº. 13 – Edição especial. **Dossiê MST Escola: documentos e estudos 1999-2001**.

MÉLIGA, Laura Luvison. **Educação Infantil do Campo**: a educação das crianças pequenas nas proposições do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/107989>. Acesso em: 4 fev. 2022.

ROSSETTO, Edna Rodrigues Araújo. **Essa Ciranda não é minha só, ela é de todos nós**: a educação das crianças sem terrinha no MST. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP\\_d1cc99f5318918b2ce017f4757f67e12](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_d1cc99f5318918b2ce017f4757f67e12). Acesso em: 4 fev. 2022.

ROSSETTO, Edna Rodrigues Araújo. **A organização do trabalho pedagógico ns Cirandas Infantis do MST**: lutar e brincar faz parte da escola de vida dos Sem Terrinha. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP\\_d1cc99f5318918b2ce017f4757f67e12](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_d1cc99f5318918b2ce017f4757f67e12). Acesso em: 4 fev. 2022.

RAMOS, Márcia Mara. **Educação, Trabalho e Infância**: contradições, limites e possibilidades no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP\\_98b8ed1ac552853e2418793790745179](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_98b8ed1ac552853e2418793790745179). Acesso em: 4 fev. 2022.

GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 26ª. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

## 7 APÊNDICE A – CATEGORIZAÇÃO DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nº	Ano	Tipo	Autor(s)(as)	Título	Objeto de estudo	Metodologia	Resultado
1	2020	Dissertação de mestrado	Luís Henrique dos Santos Barcellos	A Ciranda Infantil e As Crianças Sem Terrinha: Educação E Vida Em Movimento	O trabalho tem por objeto de estudo a Educação Infantil do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Investigar a proposta educacional do MST para a infância, no contexto das Cirandas Infantis.	A metodologia adotada na pesquisa foi de natureza bibliográfica e análise documental. Realizou-se o levantamento e a análise da produção de pesquisadores sobre o tema, da legislação concernente à Educação do Campo, e documentos oficiais do MST (boletins e cadernos de educação), sobretudo textos que abordam a Educação Infantil do/no Movimento.	Como resultado final dessa pesquisa, constitui-se a proposta educacional da ciranda infantil, possibilitando compreender que o MST busca evidenciar a desigualdade social e o descaso e negligência com as reais necessidades da população camponesa, e luta por uma sociedade mais justa, com um projeto humanista e socialista. A criança nesse processo é inserida como sujeito participativo, desde o seu nascimento, nas lutas travadas contra o capital. Para além de direitos, ela é um sujeito de luta, e tem no Movimento a garantia de um espaço educativo próprio, pensado para ela.
2	2013	Dissertação de mestrado	Ana Marieli Dos Santos Luedke	A Formação Da Criança e a Ciranda Infantil Do MST (Movimento Dos	Estudo das cirandas infantis do MST, suas peculiaridades particularmente as que se	A metodologia deste questionário se deu através de pesquisas bibliográficas	Os resultados apontam que a Ciranda Infantil apresenta uma conquista e traz possibilidade de oferecer elementos que

				Trabalhadores Rurais Sem Terra)	referem à organização e proposição de atividades formativas para a criança, entre elas a brincadeira.	, aplicação de questionários , um estudo de caso partindo da observação do espaço organizado pela Ciranda Infantil do Rio Bonito do Iguaçu-PR, das atividades cotidianas, as brincadeiras realizadas e dos processos educativos realizados pelos educadores. Leitura das dissertações que tiveram como tema a Ciranda Infantil, dando atenção especial aos objetivos, metodologias e conclusões. Para identificar os aspectos comuns e as particularidades de cada pesquisa.	permitem contribuir para estudos e debates sobre as relações entre educação, infância, criança e escola. As crianças que participam das Cirandas Infantis são filhas e filhas de trabalhadores rurais Sem Terra. E consideradas participantes e integrantes de uma luta, como projeto de futuro. Por meio da luta, da educação e do trabalho, é formada a identidade Sem Terrinha. Essa condição pode indicar o reconhecimento e a visibilidade do MST em relação a criança. Todavia, a criança, como sujeito humano e histórico, está presente no sujeito <i>militante</i> que o MST pretende formar. Quando intenciona a formação omnilateral, reconhece a Ciranda Infantil como espaço educativo, no qual são compartilhadas experiências de um modo de viver, que incluem processos de aprendizagem, que geram
--	--	--	--	---------------------------------	---	--	--

							desenvolvimento humano, mediante situações e interações sociais basilares para a apropriação cultural. Assim, as brincadeiras se constituem como instância importante para isso.
3	2016	Tese de doutorado	Edna Rodrigues Araújo Rossetto	A Organização Do Trabalho Pedagógico Nas Cirandas Infantis do MST: Lutar e Brincar Faz Parte Da Escola De Vida Dos Sem Terrinha	Ciranda Infantil Permanente do Assentamento do Dom Tomás Balduino e a Ciranda Itinerante Paulo Freire Do VI Congresso Nacional Do Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.	Partiu da observação da realidade, observação de campo. Compreendendo o processo de formação humana vivenciada pelas crianças no interior das cirandas e na sua participação na luta pela terra, juntamente com suas famílias. Seguido dessa observação de campo, a coleta de dados se deu através de entrevistas semiestruturadas e de pesquisa documental.	Os resultados desta pesquisa apontam que as cirandas infantis têm um papel fundamental na formação das crianças Sem Terra, em alguns momentos mais organizadas, em outro, nem tanto, o que ocorre pelas condições materiais e pelas limitações do próprio MST. Nesse processo, os meninos e meninas vão se conhecendo como Sem Terrinhas, identidade construída pelas crianças, fortalecendo sua luta e pertencimento ao Movimento Sem Terra, uma vez que, lutar e brincar faz parte da escola de vida e brincando, chorando, rindo, pulando, vão construindo uma educação emancipatória.

4	2001	Dissertação de Mestrado	Neiva Marisa Bihain	A trajetória da educação infantil no MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: De ciranda em ciranda aprendendo a cirandar.	Trajetória da educação infantil no MST: Enfocando a Ciranda Infantil como espaço próprio da criança de zero a seis meses.	Pesquisa de campo realizada em dois momentos- A primeira pesquisa sobre as crianças de 1 mês a 6 anos. Primeiramente no Acampamento de Viamão. Este trabalho constituiu em inúmeras entrevistas com as mães e as crianças em muitas visitas nos barracos para acompanhar suas atividades de rotinas na cidade de Iona Pretas. E posteriormente, um estudo de casos com o grupo da Cooperativa do Assentamento Capela de Santana, localizado no Município de Nova Santa Rita. Observando a Ciranda Infantil da Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Santa Rita. O mesmo realizou-se em diversas visitas à cooperativa e seus	Os resultados da pesquisa apontam que o Movimento vem aprofundando historicamente o debate acerca da necessidade de considerar as necessidades específicas dos direitos das crianças, principalmente na faixa etária do zero aos seis anos. Daí nasce a demanda da proposta e organização das Cirandas Infantis como espaço educativo e de interação social para as crianças. O Acampamento estudado evidencia a necessidade da garantia do espaço para a criança da primeira infância a fim de que seja garantido o que lhe é de direito. A conquista da Ciranda Infantil enquanto espaço dentro da cooperativa, é inquestionável. Todos afirmam a sua importância para deixar a criança, seja para os pais trabalharem, ou em outras ocasiões, quando a família necessita. É um espaço de educação, onde
---	------	-------------------------	---------------------	--	---	--	--

						dirigentes, às famílias das treze crianças pesquisadas e que regulamentavam a Ciranda Infantil e também em muitas visitas para registrar a rotina das crianças na Ciranda Infantil.	se aprende a cuidar e a organizar os ambientes, a ter contato com diferentes materiais pedagógicos, interagindo com diferentes pessoas de diferentes faixas etárias, crianças e adultos.
5	2014	Dissertação de Mestrado.	Laura Luíson Méliga	Educação Infantil do Campo: A educação das crianças pequenas nas proposições do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.	Educação Infantil do Campo, compreensão das concepções e práticas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no que diz respeito a organização da educação das crianças pequenas tornando-a como a constituição de uma educação infantil própria dos sujeitos do campo.	A metodologia utilizada na pesquisa sustenta-se principalmente e na análise documental, tomando como referência três grupos de publicações do MST referentes a educação: Os boletins da Educação; os cadernos de Educação; e a Coleção Fazendo Escola, como fontes complementares foram visitas realizadas a algumas Cirandas Infantis.	A sistematização das análises está organizada em duas partes principais: Inicialmente busca-se caracterizar as concepções de educação e infância do MST; em segundo momento a análise retoma a trajetória de constituição de escola moderna no Brasil, sugerindo a constituição da ciranda Infantil do MST, como projeto educativo contra hegemônico. Como resultado da pesquisa também, procura-se visualizar o quadro das políticas públicas atuais para a infância e o campo, problematizando a consolidação de uma educação infantil do campo e

							lançando alguns questionamentos frente aos direcionamentos das políticas públicas e as relações da educação infantil do MST diante deste cenário.
6	2015	Dissertação de mestrado	Fábio Accardo de Freitas	Educação Popular Infantil: Possibilidades a partir da Ciranda Infantil do MST.	Ciranda Infantil do pré-assentamento Elizabeth Teixeira do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)	Pesquisa bibliográfica e documental-estudo de caso.	Os elementos apresentados nos três capítulos desta dissertação permitiram compreender a Ciranda Infantil do MST como uma proposta de Educação Infantil Popular, pois ela se insere na trajetória da Educação Popular como uma educação vinculada aos interesses da classe trabalhadora no interior da luta de classes; está vinculada a um movimento social organizado que visa a emancipação dos sujeitos e um outro projeto de sociedade; se apresenta como espaço de encontro do coletivo infantil e como espaço de produção de culturas infantis e; reconhece as crianças como sujeitos da história, produtoras de culturas infantis e protagonistas na luta pela terra.

7	2016	Dissertação de Mestrado	Márcia Mara Ramos	Educação, Trabalho e Infância: Contradições, limites e possibilidades no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra	A prática educativa do MST na formação das crianças Sem Terra, através da mobilização infantil no Estado do Pará e suas ações contra-hegemônica.	Para a realização desse trabalho, realizamos a pesquisa de campo no Estado do Pará, com entrevistas com educadores e militantes, conversações com as crianças e levantamentos de materiais do MST sobre educação e infância, Jornal – Sem Terra.	Como resultado da pesquisa, se teve a observação da confluência entre a pedagogia do MST na formação das crianças Sem Terra e a pedagogia socialista para a educação política da infância, grande referência de educação transformadora na luta pela terra. E, ao final, concluímos com as matrizes formadoras – Trabalho como princípio educativo; a Luta; a Coletividade; a auto-organização; e o Internacionalismo para a infância–, na perspectiva da construção de um programa de formação para a infância Sem Terra.
8	2009	Dissertação de Mestrado	Edna Rodrigues Araújo Rossetto	Essa Ciranda não é minha só, ela é de todos nós: a educação das crianças sem terrinha no MST.	A Ciranda Infantil do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, com intuito de situar como foi se constituindo essa prática educativa vivenciada pelas crianças, no processo de luta pela terra, tendo	Os procedimentos metodológicos foram definidos no intuito de desvelar as Cirandas em seu interior, em sua natureza, e no desenvolvimento de suas relações. A coleta dos dados se deu por intermédio	Os resultados da pesquisa indicam que as contradições existentes no MST, situam-se na relação com a propriedade privada, na relação com o Estado burguês e no modo de vida dos (as) assentados (as). Apesar destas contradições, as Cirandas Infantis apresentam possibilidades

				<p>como universo pesquisado as Cirandas Infantis Itinerantes que acontecem em algumas atividades do MST, tais como: cursos, marchas, congressos etc., e ainda a Ciranda Infantil "Ana Dias" na regional de Itapeva, Estado de São Paulo.</p>	<p>da articulação da pesquisa documental, da observação de campo e da entrevista semi-estruturada. Para a análise dos mesmos definiu-se as seguintes categorias: "Luta Social", como observada nos estudos de Roseli Caldart, "Trabalho como princípio educativo", como defendido pelo professor Luiz Carlos de Freitas e Gaudêncio Frigotto, e a categoria da "Auto-organização", como presente nos trabalhos do pedagogo russo Pistrak.</p>	<p>de as crianças engajarem-se, desde bem pequenas, na luta pela terra. Luta que, como compreendida pelo Movimento, não se encerra com a conquista da terra, visto ser a primeira de muitas outras lutas para a transformação dessa sociedade capitalista. As Cirandas Infantis, portanto, se configuram em espaços de construção do coletivo infantil, no qual as crianças aprendem a dividir o brinquedo, o lápis, o lanche, a compartilhar a vida em comunidade, e, neste sentido, soma-se às crianças quilombolas, indígenas, ribeirinha e às sem tetos, na luta contra as desigualdades sociais, multiplicando assim as vitórias coletivas e, enchendo o campo e a cidade de alegria, sonhos, utopia e de possibilidade de construir uma sociedade mais justa para todas as crianças e adultos(as) desse país.</p>
--	--	--	--	--	---	---